

UM ENSAIO SOBRE SÓCRATES E ALCIBÍADES: UM BESTIÁRIO DE ESTRANHEZAS

AN ESSAY ON SOCRATES AND ALCIBIADES:

A BESTIARY OF ODDITIES

GILBERTO DE MELO CALDAT*

Resumo: O presente ensaio pretende pensar a estranheza socrática, sua atopia, partindo dos personagens presentes no *Alcibiades I* de Platão – Sócrates e Alcibiades – e rumando, desde tal cenário, na direção de uma comparação com as múltiplas figuras de animais, deuses e criaturas híbridas ou semidivinas com as quais Platão emparelha seu mestre ao longo de vários de seus diálogos. O interesse maior do artigo/ensaio não é, todavia, debruçar-se em uma análise pormenorizada do *Alcibiades I*, mas, sim, pensar principalmente a figura de Sócrates a partir de suas várias imagens especulares, todas propostas por seu “aluno” mais célebre ao longo de sua vasta obra.

Palavras-chave: Sócrates; Alcibiades; Platão; bestiário.

Abstract: This essay aims to reflect on Socratic strangeness and its atopia, based on the characters in Plato's *Alcibiades I*, namely Socrates and Alcibiades. From this setting, it moves toward a comparison with the multiple figures of animals, gods, and hybrid or semi-divine creatures with which Plato pairs his master throughout several of his dialogues. The primary interest of this paper, however, is not to delve into a detailed analysis of *Alcibiades I*, but rather to reflect primarily on the figure of Socrates based on his various mirror images, all proposed by his most famous “student” throughout his vast work.

Keywords: Socrates; Alcibiades; Plato; bestiary.

* Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPR, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4513-1584>. E-mail: gilbertomcaldat@gmail.com

Daí é que, tendo deixado livres esses mitos e confiado no que se acredita a seu respeito, faço exame não deles mas de mim mesmo, se acaso não sou um bicho mais complicado e mais nebuloso que Tifon, ou se um animal mais manso e simples, por natureza partilhando de não sei que divino e desanuviado destino.

Platão, *Fedro* (230a)

Outros pensam que antes da invasão ouviremos, vindo do fundo dos espelhos, o rumor das armas.

Jorge Luis Borges, *O Livro dos Seres Imaginários*

Assim como crianças da mais tenra infância, que demoram a se reconhecer quando veem pela primeira vez a própria imagem no espelho, contemplando-a com um espanto ridente, talvez seja comum entre os humanos de todas as idades, o fato de ao se depararem com um povo ou indivíduos que lhes sejam estranhos, não os comparar ou os tomar imediatamente como igualmente humanos, mas sim como algum ser de outro registro, de outra natureza, como se esses últimos não fossem de imediato inteligíveis senão assim: ou bem tomá-los/compará-los com bichos, com feras, por exemplo, ou bem compará-los com seres divinos, com deuses, semideuses. Para ilustrar esse ponto, podemos lembrar da famosa passagem de Lévi-Strauss, em *Raça e História*, ao comentar os eventos insólitos que aconteceram nas Antilhas quando do primeiro contato entre os homens originários dali e os primeiros invasores europeus que lá ancoraram:

Nas Antilhas, alguns anos após o descobrimento da América, enquanto os espanhóis despachavam comissões de inquérito para saber se os indígenas possuíam alma ou não, estes tratavam de submergir prisioneiros brancos, para verificar, com base numa longa e cuidadosa observação, se seus cadáveres apodreciam ou não (Strauss, 1952 *apud* Viveiros de Castro *et al.* 2015).

Eduardo Viveiros de Castro, ao citar tal excerto em suas *Metafísicas Canibais*, recorda-nos ainda que o ilustre antropólogo francês repete a mesma passagem em *Tristes Trópicos*, e que se no primeiro livro ele pontuava o singular paralelismo das reações de uns e de outros, no segundo ele remarca não tanto a semelhança entre elas, mas sim sua diferença ao dizer que enquanto os europeus acreditavam que os indígenas fossem semelhantes, em sua estranheza, aos animais; os indígenas, de sua parte, acreditavam que os europeus fossem semelhantes, em sua estranheza, aos deuses. Lévi-Strauss, por fim, concluiria em *Tristes Trópicos* que: dada a igual, a mútua ignorância

de ambos os lados, a atitude dos indígenas era mais digna de seres humanos (Strauss, 1955 *apud* Viveiros de Castro *et al.*, 2015).

No meio do caminho entre os dois extremos, bichos e deuses, estão também as figuras híbridas que preenchem mitologias e bestiários antigos e medievais – umas tão só com forma de bicho, mas com caracteres humanos ou poderes divinos; umas com forma meio humana meio bestial – figuras essas que vez ou outra são pareadas com os homens quando um dos objetivos é realçá-los em sua estranheza, em sua atopia. Em seu bestiário próprio, seu *Livro dos Seres Imaginários*, Jorge Luis Borges nos descreve, de forma modelar, várias dessas figuras. No capítulo intitulado “*A Pantera*”, por exemplo, ele começa escrevendo o que aqui se segue:

Nos bestiários medievais, a palavra pantera indica um animal bastante diferente do “mamífero carnívoro” da zoologia contemporânea. Aristóteles mencionara o fato de que seu odor atrai os outros animais – Eliano, autor latino apelidado de “Língua de Mel”, por seu domínio absoluto do grego – declarou que esse odor também era agradável aos seres humanos. Plínio lhe atribuiu uma mancha no lombo, de forma circular, que minguava e crescia com a Lua. A essas circunstâncias maravilhosas veio somar-se o fato de que a Bíblia grega dos Setenta usa a palavra “pantera” num trecho que pode referir-se a Jesus (Oséas 5, 14) (Borges, 2007, p. 161).

A pantera pode ser ainda descrita em bestiários saxões, continua Borges, como um animal meigo, de voz melodiosa e que se oporia incessantemente ao dragão, seu crucial e cruel inimigo: o dragão ali encarnaria o mal, o diabo, e a pantera, combatendo-o de forma incansável, encarnaria novamente a figura de Cristo. Para os saxões do medievo, ele conclui: “a pantera não era um animal feroz, mas antes um som exótico” (Borges, 2007, p. 162). Ao finalizar o capítulo, entretanto, o grande escritor argentino nos relembra o Bestiário de Leonardo da Vinci e o que o gênio italiano nos teria a relatar sobre o mesmo tema:

A pantera africana parece uma leoa, mas as patas são mais altas e o corpo mais sutil. É toda branca, salpicada de manchas negras que parecem rosetas. Sua beleza encanta os animais, que andariam sempre à sua volta não fosse seu terrível olhar. A pantera, que não ignora esse fato, baixa os olhos; os animais se aproximam para gozar de toda aquela beleza, e ela apanha o mais próximo e o devora (Borges, 2007, p. 162).

Se de um lado a pantera representa a mais redentora das belezas, a que atrai não só as feras, mas também os homens com sua essência e melodia

agrestes, de outro ela é também, dentre todas, a mais capciosa e terrivelmente sedutora; uma beleza que se transforma em tocaia, armadilha, em horror que mal podemos suportar¹, horror que quase ninguém, de cara limpa e não por ela encantado/enfeitiçado, ousaria enfrentar senão de longe, fortemente armado e em batalhão².

A pantera, embora, segundo Borges, tenha sido mencionada por Aristóteles e outros autores antigos e medievais, não foi em nenhum momento, ao menos que eu saiba, comparada aos esquipáticos personagens que habitam o *Alcibiades I* de Platão: o filósofo Sócrates e o próprio Alcibiades. Mas, se não foi, tanto pior para as comparações já registradas, afinal, como o Sócrates platônico, ela muitas vezes se mostra tal qual um arauto a guardar a virtude diante dos ataques do mal, a saber, aparece imaginada tal qual essa figura que seduz benignamente pela voz, uma fera dócil, mas de língua afiada, como o personagem de Sócrates se deixa entrever no *Fedro* (*Fedro*, 230b). E igual ao mesmo Sócrates do *Fedro* ou ao Sócrates *stalker* do início do *Alcibiades I* (*Alcibiades I*, 103b), a pantera também pode vir a se mostrar como um ser divinamente terrível ou um predador vigilante sempre à espera do momento oportuno para atacar sua presa. De outra parte, caso pudéssemos comparar o personagem de Alcibiades a alguma das feras do bestiário borgiano, imagino que a pantera, essa tirada às páginas de Da Vinci, seria também uma das mais fortes candidatas a assumir tal posto, uma vez que Alcibiades nos foi legado pela tradição como esse personagem de beleza e sagacidade ímpares – persuasivo, sedutor, brilhante, como nos descreve Jacqueline de Romilly –, mas que se utilizava dessas virtudes, desses dons naturais, exatamente para enleiar e capturar os que se deixavam seduzir por seus encantos, pois, muito capaz da mentira e da audácia, ele enredava, em

¹ Referência ao clássico verso de Rilke em sua *Primeira Elegia*: “Pois que é o Belo senão o grau do terrível que ainda suportamos [...]” (Rilke, 1976, p. 3).

² Plutarco conta o seguinte acerca da morte de Alcibiades: “Os homens que foram enviados com a missão de matar Alcibiades não se atreveram a entrar em sua casa – antes a cercaram e deitaram-lhe fogo. Então, quando Alcibiades se apercebeu do que se passava, juntou quanto pôde das suas roupas e cobertas e lançou-as sobre o fogo. De seguida, enrolou a sua clâmide à volta do braço esquerdo e, desembainhando com o direito o seu punhal, lançou-se ele mesmo para o exterior, incólume, pois o fogo não tinha ainda incendiado as roupas. À vista de Alcibiades os Bárbaros dispersaram. É que nenhum de entre eles se atreveu a fazer-lhe frente ou a travar com ele combate; só o atacaram arremessando contra ele, à distância, dardos e flechas. Quando Alcibiades sucumbiu, deste modo, e os Bárbaros se afastam, Timandra recolheu o seu cadáver, envolveu-o e cobriu-o com as suas próprias túnicas e, tendo em conta as circunstâncias, preparou-lhe exéquias brilhantes e dignas” (*Vitae*, 39. 4-7).

seu círculo *dangeroso*, os que dele se aproximavam e, como a pantera de Da Vinci, os devorava sem mais.

Em outro de seus capítulos, Borges nos lembra de uma figura bastante cara ao mundo antigo, tanto entre gregos quanto entre persas e egípcios, a figura da esfinge: um ser híbrido que, segundo Heródoto, ganharia nas terras sagradas do Nilo ou bem um corpo de leão com face humana, representando a autoridade do rei e guardando seus sepulcros e templos, ou bem, na região de Karnak, um híbrido com face de carneiro, o “animal sagrado de Amon” (Borges, 2007, p. 90). Com outras feições entre os persas, onde seria imagem costumeira nas gemas, ela habita o mundo grego antigo mostrando-se ainda diferentemente, como nos segue relatando o poeta argentino:

A esfinge grega tem cabeça e peito de mulher, asas de pássaro e corpo e pés de leão. Outros lhe atribuem corpo de cachorro e cauda de serpente. Conta-se que assolava o país de Tebas propondo enigmas aos homens (pois possuía voz humana) e devorando aqueles que não sabiam resolvê-lo (Borges, 2007, p. 90).

Ora, caso lembremos das descrições que temos de Alcibíades, como a de Plutarco, por exemplo, poderíamos sim remontá-lo à imagem da esfinge. Um personagem híbrido, camaleônico, muitas vezes feminino (ele morre com as vestes da amante) e ao mesmo tempo um personagem leonino, pois qual um leão ele se mostra um guerreiro-predador, associado à força e à coragem (até no momento da morte ele assusta seus rivais), leão que o próprio Sócrates platônico usa para falar do herói Ajax e de Trasímaco, espelho de Alcibíades³, em sua *República*⁴. Além disso, Alcibíades é para Atenas, durante a guerra do Peloponeso, esse enigma fatal que a todos devora em sua ânsia tirânica (valendo lembrar aqui ainda que ele perfaz um enigma fatal a se lançar não só sobre os atenienses, mas também sobre os lacedemônios e os persas, uma vez que, como nos escreve Plutarco, “ele possuía um dom único”, “uma técnica para prender as pessoas que consistia em se adaptar aos seus costumes e modos de vida, era mais rápido no seu mimetismo que o camaleão” (*Vitae*, 23.4)).

³ Falo aqui da caricatura leonina do Trasímaco histórico feita por Platão em sua *República*, um personagem talhado pelo filósofo em ânimo feroz, em gestos violentos, e que exprime, em seu discurso, a ânsia tirânica que remontava ao personagem histórico de Alcibíades, personagem tão fulcral para o desenrolar da guerra do Peloponeso.

⁴ Na passagem 341c, Sócrates compara Trasímaco a um leão perigoso, fera que ninguém teria coragem de tosar; já em 620b, ao apresentar o mito de Er, Platão faz com que o herói Ajax escolha a figura do leão para que nela reencarne em uma próxima vida.

Esfinge, camaleão, Alcibíades é, no círculo socrático, a ave mais rara e mais trágica. De outra parte, Sócrates é esse outro propositor de enigmas tanto para os atenienses quanto para o próprio Alcibíades, propositor que assim como uma das variações da esfinge grega é um personagem canino, extremamente fiel aos seus amigos e amantes, um modelo para o guardião canino da *República*, e ao mesmo tempo uma serpente que, conhecedora dos mistérios da terra, é uma das únicas criaturas capazes de enfeitiçar e amansar o leão arredio e feroz encarnado em Alcibíades⁵. Recordemos ainda que a esfinge grega é também filha de Tifão, esse monstro que carrega consigo, qual a hidra, uma multidão de cem cabeças dracônicas, um monstro que traz consigo a inquietude brutal das tempestades, figura híbrida à qual o próprio Sócrates platônico se compara novamente no *Fedro* (*Fedro*, 230a).

Em suma, Sócrates e Alcibíades, qual imagens especulares, caso assim os queiramos, cabem, em suas aparições atópicas e complementares, nas mesmas comparações e metáforas bestiais. Todavia, ao voltarmos ao *Alcibíades I* de Platão, perceberemos que o ainda jovem Alcibíades que se apresenta ali é que é a presa diante do predador Sócrates; afinal, ali Alcibíades, apenas um aprendiz iniciante da estranheza socrática, é para o filósofo um claro enigma, enquanto o contrário não acontece. Não à toa é Alcibíades que ali chama Sócrates de estranhíssimo (*Alcibíades I*, 106a)⁶: um estranho tão estranho que faz com que todos a sua volta sintam em si tal estranheza; um ateniense que fala uma linguagem mais espantosa, mais estrangeira que a dos bárbaros, uma insólita e magnética linguagem digna de uma fera ou de um deus espantoso. E é a referência a esse tipo singular de fera, de bicho incômodo ou divindade – uma que afeta “intimamente” os que o circundam, uma que transfere a sua estranheza aos que com ele se encontram – a marca patente que singulariza a maior parte do bestiário platônico acerca de Sócrates⁷.

Assim é o tavão, uma espécie de mutuca, bichinho inquieto ao qual o próprio Sócrates platônico se associa no tribunal da *Apologia*, dizendo que ele é esse tavão que espicaça a cidade, aqui comparada a um cavalo grande

⁵ Na passagem 358b, o Sócrates platônico é comparado a uma serpente capaz de domar o leão encarnado em Trasímaco. Serpente que era ligada aos dons da profecia, como Apolo, e aos segredos da natureza, da terra, no mundo grego antigo (Francotte, 1958, p. 86).

⁶ πολύ γέ μοι, ὦ Σώκρατες, νῦν ἀτοπώτερος αὐ φαίνεται, ἐπειδὴ ἤρξω λέγειν, ἢ ὅτε σιγῶν εἶπου·

⁷ “Quanto à caracterização atópica de Sócrates por Alcibíades, Schlosser ainda ressalta o fato de que não somente Sócrates provoca estranhamento em seus interlocutores, como também as imagens a ele associadas redundam no mesmo efeito, como a das bestas e do bestiário (sátiros, silenos, tavão, raia, serpente, etc...)” (Decotelli, 2019, p. 40).

e sonolento, para que essa, agitada pelas picadas intermitentes do incômodo inseto, desperte e acelere seu passo (*Apologia*, 30e). Assim é o peixe-elétrico, famosa comparação do Mênon referida a Sócrates, aquela fera esquisita que aturde, que atordo a pessoa que a toca, paralisando-a (*Mênon*, 80a). Assim é a serpente, com a qual Glauco figura Sócrates na *República* (358b), bicho ligado então à profecia, aos encantamentos e aos mistérios secretos da terra, sendo capaz aí de enfeitiçar, de envenenar, drogar e amansar inclusive o leão encarnado por Trasímaco (serpente que o bestiário de Da Vinci descreve qual “um grandíssimo animal que, quando vê algum pássaro no ar, aspira com tanta força que o atrai para sua boca” (Da Vinci, 1997, p. 109)). Assim é o galo, com o qual de alguma forma Sócrates se associa na famosa passagem final do *Fédon* (*Fédon*, 118a), e que, segundo Junito de Souza Brandão, além de ser um animal por natureza combativo, era também, para o mundo grego, um símbolo solar, a ave de Apolo que, ao anunciar o novo dia, é capaz de espantar a influência maléfica da noite; ave que também serviria de guia para a outra vida, sendo assim também um símbolo do renascimento, pois ao cantar faz com que os homens acordem, renasçam (Brandão, 2023, p. 270) – nas palavras de Da Vinci, o canto do galo é uma das únicas coisas capazes de amedrontar o leão⁸, assim como as palavras socráticas se apresentam como as únicas capazes de amedrontar a vaidade leonina de Alcibíades. O bestiário platônico para Sócrates é, portanto, abundante e, quiçá, fossem Sócrates e Platão brasileiros, a comparação seria com a onça, o jaguetê dos tupis e de Guimarães Rosa (jaguar verdadeiro; o que tem a virtude do jaguar), a versão brasileira da pantera de Aristóteles, Eliano, Leonardo e Borges, a que também atocia os seus, com seus ruídos e beleza agrestes, a fim de devorá-los num repente. O Sócrates platônico aparenta ser, por fim, em sua estranheza, o mais animalesco dos homens e a mais humana das feras, talvez não seja à toa, destarte, que ele se proponha, em suas horas finais, a metrificar versos de Esopo (*Fédon*, 60d), exatamente o lendário poeta que fazia os homens falarem a partir de figuras de animais.

Para além ainda das várias comparações com os bichos, Sócrates é, como vimos acima, também volta e meia equiparado e aproximado por Platão a figuras divinas e semidivinas: ao Apolo délfico (*Apologia*, 21a) e a um “sinal

⁸ “LEÃO. Este animal tão terrível de nada tem mais medo do que do estrondo das carroças vazias e do canto dos galos, e fica muito aterrorizado ao ver estes animais, olhando assustado para suas cristas, e muito se acovarda quando tem a cara coberta” (Da Vinci, 1997, p. 111).

demoníaco” (*Fedro*, 242b)⁹ que o fazem se manter em sua investigação exótica e permanente; ao híbrido Tifão (*Fedro*, 230a), como já mencionado; a Eros, fazendo-se esse intermediário entre deuses e homens, também ele filho da pobreza – da falta – e da riqueza – da abundância – (*Banquete*, 203b-e). O Sócrates platônico é ainda irmanado, na hibridez aguda das palavras, a Pã (*Crátilo*, 408b-d) – ele mesmo um deus híbrido e terrível¹⁰ – e comparado a silenos e sátiros, figuras que Pierre Hadot nos recorda serem metade humanas, metade bestiais, e que acompanham o cortejo de Dioniso: sábios, bufões, beberões, lascivos, meio homens meio bodes ou cavalos, ao mesmo tempo monstruosos e divinos (Hadot, 2012, p. 9). Sátiros, silenos, com os quais o próprio Alcibiades equipara Sócrates em famosa passagem do *Banquete*:

Afirmo eu então que ele é muito semelhante a esses silenos colocados nas oficinas dos estatuários, que os artistas representam com um pifre ou uma flauta, os quais, abertos ao meio, vê-se que têm em seu interior estatuetas de deuses. Por outro lado, vê-se também que ele se assemelha ao sátiro Mársias. Que, na verdade, em teu aspecto pelo menos és semelhante a esses dois seres, ó Sócrates... (215b)

Por fim, o Sócrates de Platão se faz comparável muitas vezes ao próprio deus Dioniso, aquele personagem estranho, questionador da ordem vigente e que, nas palavras de Jean-Pierre Vernant, é responsável por eliminar justamente a distância que separa homens e deuses, homens e animais (Vernant, 2018, p. 78). Como o deus, ele é também essa figura múltipla frequentemente embebida pela *mania*, lembremos, por exemplo, do elogio à *mania* feito em seu segundo discurso proferido no *Fedro* (244a-257b). De mais a mais, ele é o que embriaga, com sua presença e discurso estúrdios, seus camaradas¹¹. O mais terrível e o mais doce, Sócrates é este *outro* que, como o Dioniso descrito por Vernant, deve ser aceito pela cidade como seu, deve ganhar, em sua “potência de estranheza”, um lugar merecido no culto público¹²:

⁹ τὸ δαιμόνιον σημεῖόν.

¹⁰ “Deus do *Todo* traduz a energia genésica deste *Todo* ou do *Todo* da vida. Seus aparecimentos súbitos provocavam o *pânico*, o terror que se derrama pela natureza e impregna todos os seres, ao se presentir a presença de uma divindade que perturba o espírito e enlouquece os sentidos” (Brandão, 2023, p. 478).

¹¹ Vide o final do *Banquete*, quando ele é o único personagem a resistir diante de uma noite de bebedeira.

¹² Lembremos aqui do Sócrates da *Apologia* (36d-e), quando ele reclama seu lugar entre os ídolos do Pritaneu.

Para que se revele benéfica em sua doçura essa potência de estranheza, cuja irrepreensível exuberância, cujo dinamismo invasor parecem ameaçar o equilíbrio da religião cívica, é necessário que a cidade acolha Dioniso, reconheça-o como seu, garanta-lhe ao lado dos outros deuses um lugar no culto público (Vernant, 2018, p. 79).

Voltando ao Sócrates do *Alcibíades I*, para além de bestas, criaturas semidivinas e deuses, ele ali se compara a um espelho (132e-133a), um objeto, mas não um objeto qualquer e sim um objeto capaz de refletir nele as características de tudo aquilo que se coloque à sua frente: o espelho, objeto mimético por excelência.

O espelho, forte candidato ao mais híbrido dos objetos, é afetado por tudo aquilo que o encara e é capaz também de afetar de forma íntima seus espectadores – quiçá até mais do que as feras acima mencionadas –, uma vez que o espelho, bem sabemos, é capaz de refletir nele a imagem de qualquer ente que o mire, revelando nessa imagem detalhes que a própria criatura ali refletida poderia ter esquecido ou nunca ter se dado conta de que sempre trouxera com ela aquela característica específica. Sócrates se faz então o outro especular daquele que, em seu caráter movediço, talvez fosse o que mais dele se aproximasse: o camaleônico Sócrates se faz aí a *mimesis* hiperbólica do hiperbólico camaleão Alcibíades. A saber, através de sua dialética ferina, Sócrates, e isso nos recorda Albert Jooisse, faz com que Alcibíades encare sua própria ignorância acerca daquilo que ele julgava compreender – da justiça, do bom governo dos homens –, além de mostrar ao jovem a *hybris* na qual ele recaía, mesmo que a todos os outros ele a dissimulasse – a ambição de dominar não só Atenas, mas toda a Europa e a Ásia, os domínios do imperador persa – (Jooisse, 2018, p. 36-37). Em suma, Sócrates faz de sua dialética um espelho a fim de educar Alcibíades através do reflexo daquilo que repousava esquecido na sombra da figura evidentemente brilhante do jovem: as mesquinhas de sua alma, que permaneciam maquiadas pela beleza de seu corpo. Conforme o princípio délfico, Sócrates, metamorfoseando-se em um espelho, coloca seu interlocutor no caminho do conhecimento de si. Diante de Sócrates, Alcibíades reconhece que ignora o que julgava compreender e que ambiciona dominar o que desconhece sem sequer conhecer bem a si mesmo. Para além de um espelho, Sócrates é um olho vivo, a pupila viva a mirar Alcibíades e a fazer com que ele, através dessa potente mirada e do conseqüente estranhamento que ela o causa, reconheça sua própria imagem nela e assim eduque sua alma: mirando o espelho de sua alma e nela encontrando sua porção mais divina, a inteligência, Alcibíades,

através do espelho-Sócrates, reconhecer-se-ia, enfim, enquanto apenas um homem, mesmo que um homem reconhecidamente agraciado pelos deuses.

Para concluir, trago à baila uma famosa descrição, de um autor de herança platônica, daquela que é quiçá a mais estranha, mais maravilhosa, múltipla e indecifrável das bestas, das feras de qualquer bestiário, uma que também costuma tornar estranho, para o bem ou para o mal, tudo o que toca:

Li nos escritos dos árabes, venerandos Padres, que, interrogado Abdala Sarraceno sobre qual fosse a seus olhos o espetáculo mais maravilhoso neste cenário do mundo, tinha respondido que nada havia de mais admirável do que o homem. Com esta sentença concorda aquela famosa de Hermes: “Grande milagre, ó Asclépio, é o homem.” [...] “Ó Adão, não te demos nem um lugar determinado, nem um aspecto que te seja próprio, nem tarefa alguma específica, a fim de que obtenhas e possuas aquele lugar, aquele aspecto, aquela tarefa que tu seguramente desejares, tudo segundo o teu parecer e tua decisão. A natureza bem definida dos outros seres é refreada por leis por nós prescritas. Tu, pelo contrário, não constrangido por nenhuma limitação, determiná-la-ás para ti, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no seio do mundo para que aí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até os seres que são as bestas, poderás regenerar-te até as realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo” (Pico, *Oratio*, p. 53-57).

Bestial, divino, estranhíssimo para Alcibiades, Platão e os atenienses de então; espantoso, maravilhoso, terrível até hoje para nós, tantos séculos depois, Sócrates, em sua declarada estranheza, reflete nele, como em um espelho, nossa mais íntima condição. Mais do que uma fera ou uma divindade, Sócrates foi talvez, seguindo a premissa délfica que lhe era tão cara, o mais declaradamente humano entre os homens: humano, demasiado humano¹³.

[Recebido em fevereiro/2026; Aceito em março/2026]

¹³ “Semelhante fama, atenienses, não me veio senão de certa sabedoria que me é própria. Que espécie de sabedoria? Possivelmente, uma sabedoria puramente humana, sendo de admitir que, de fato, eu seja sábio dessa forma. Os outros, sim, a que me referi há pouco, talvez sejam possuidores de uma sabedoria mais que humana, a respeito da qual não sei o que diga, visto não ter chegado a compreendê-la. Mente e me calunia quem disser o contrário” (*Apologia*, 20d-e).

- BORGES, J. L. *O Livro dos Seres Imaginários*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRANDÃO, J. S. *Dicionário Mítico-Etimológico*. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.
- DA VINCI, L. *Obras Literárias, Filosóficas e Morais*. Trad. Roseli Sartori. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- DECOTELLI, A. M. *Nenhum de vocês o conhece bem: a atopia socrática e seus elementos eróticos e dionisíacos no Banquete de Platão*. 2019. 320p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, PUC-RJ, Rio de Janeiro (RJ), 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46643/46643.PDF>. Acesso em: 14 out. 2025.
- FRANCOTTE, A. Les Disertes Juments de Parménide. *Phronesis*, Brill, v. 3, n. 2, p. 83-94, 1958.
- HADOT, P. *Elogio de Sócrates*. Trad. Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- JOOSSE, A. Reflections and Rivalry: The Origin of the Mirror Tradition in the Platonic First Alcibiades. In: *Concepts of Ideal Rulership from Antiquity to the Renaissance*. Turnhout: Brepols Publishers, p. 31-59, 2018.
- PICO DELLA MIRANDOLA, G. *Oratio de Hominis Dignitate*. Trad. Maria de Lourdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2018.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2015.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2016.
- PLATÃO. *Crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1973.
- PLATÃO. *Fédon*. Trad. Gabriele Cornelli. São Paulo: Penguin – Companhia das Letras, 2025.
- PLATÃO. *Fedro*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.
- PLATÃO. *Mênon*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2020.
- PLATÃO. *O Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2019.
- PLATÃO. *Primeiro Alcibiades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2015.
- PLUTARCO. Vida de Alcibiades. In: PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Alcibiades e Coriolano*. Trad. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues. São Paulo: Annablume Classica, 2011.
- RILKE, R. M. *Elegias de Duíno*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Porto Alegre: Globo, 1976.
- ROMILLY, J. *Alcibiades ou Os Perigos da Ambição*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.
- VERNANT, J.P. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Trad. Joana Angélica D'ávila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas Canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.